

SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO E RACISMO NO BRASIL: UM DEBATE ENTRE RUY MAURO MARINI E CLÓVIS MOURA

Palavras-Chave: superexploração; racismo; dependência.

Autores:

JOÃO LUCAS ROCHA MARTINS, IE – UNICAMP

Prof. Dr. FÁBIO ANTONIO DE CAMPOS (orientador), IE – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A partir da análise e do estudo da situação latino americana ao final do século XIX, Ruy Mauro Marini observa que é neste momento em que as economias latino americanas, ao se vincularem ao mercado mundial e à divisão internacional do trabalho, conformam-se enquanto economias dependentes, ou seja, economias subordinadas aos países do centro do sistema. Diante disso, Marini considera fundamental a análise da contribuição da integração latino americana para o deslocamento do eixo de acumulação no setor industrial dos países desenvolvidos, saindo da produção de mais-valor absoluto e passando para a produção de mais-valor relativo. Posto que, a posição subordinada da região foi determinante para o movimento observado, pois desenvolveu-se ali uma economia primário-exportadora - concentrada em poucos produtos básicos - que fornecia matérias-primas e alimentos abundantes a baixo custo para os países centrais. Esta dinâmica permitiu que as nações industrializadas se especializassem intensamente na produção industrial, resultando em significativos aumentos de produtividade e maior acumulação de capital através da redução do valor da força de trabalho (mais-valor relativo), consolidando e aprofundando a divisão internacional do trabalho. Sendo assim, parte considerável do mais-valor produzido nas economias latino americanas é drenado em direção ao centro do sistema. Isso ocorre devido às trocas desiguais no mercado mundial, às estruturas de subordinação financeira e também pela ação do capital estrangeiro. Marini argumenta que as classes dirigentes locais compensam essas perdas aumentando substancialmente a exploração da força de trabalho, submetendo os trabalhadores a um processo de superexploração. Em outros termos, para o autor, a superexploração do trabalho configura o fundamento central da acumulação capitalista nas economias latino americanas.

Esta superexploração corresponde a uma anomalia do mais-valor absoluto, ou seja, o aumento do tempo de trabalho excedente não é conquistado através da redução do tempo de trabalho necessário (mais-valor relativo), mas sim através de uma remuneração inferior ao tempo de trabalho necessário, o qual permanece inalterado. Em suas investigações, o autor observa que um dos elementos que permite a superexploração do trabalho é a existência de um Exército Industrial de Reserva, ou Superpopulação Relativa, ampliado nas economias dependentes latino americanas, devido à migração contínua de trabalhadores do campo em direção às cidades, e também devido às deficiências próprias dessas economias, como os processos de industrialização poupadores de mão de obra e a falta de regulamentação das condições de trabalho, que permitem a redução dos salários abaixo do valor da força de trabalho. Frente a isso, Marini ressalta que torna-se imperativo para as classes dirigentes locais o aumento da repressão sobre os trabalhadores, deixando em segundo plano as necessidades de barateamento da força de trabalho, dado que seu emprego já ocorre abaixo de seu valor.

Contudo, o autor não investiga as justificativas - no plano ideológico - para os incrementos no aparato repressivo estatal que permitem esse padrão de acumulação fundado na superexploração do trabalho. No artigo “O racismo como arma ideológica de dominação” (1994), Clóvis Moura demonstra como o racismo opera na justificação e manutenção das estruturas de poder capitalistas e imperialistas, e é utilizado pela burguesia nacional como meio para aprofundar a exploração e reprimir segmentos racializados da sociedade brasileira. No entanto, a obra de Ruy Mauro Marini parte do imperialismo clássico e sua relação com o Brasil para construir a categoria “superexploração”, e não dos dilemas da formação social brasileira, da colônia ou da escravidão. Logo, ao desconsiderar o legado colonial e escravista, assim como as implicações da preservação de elementos arcaicos frente à modernização do Brasil, Marini não consegue captar a centralidade do fator racial na composição do Exército Industrial ampliado, nem sua utilização para legitimar o aumento da taxa de exploração e a repressão estatal. Por conseguinte, faz-se essencial a contribuição de Clóvis Moura, a partir da qual é possível investigar a influência do racismo enquanto componente validador da superexploração do trabalho, isto é, como o racismo atua como arma justificadora para a manutenção e reprodução desse padrão de exploração da força de trabalho no Brasil.

METODOLOGIA:

A presente pesquisa partirá do entendimento de Ruy Mauro Marini acerca da obra marxiana, com o intuito de compreender as bases da tese de superexploração da força de trabalho através da revisão bibliográfica, principalmente das obras “Subdesenvolvimento e Revolução (1969)” e “Dialética da Dependência e outros escritos (2005)”, das categorias

“subdesenvolvimento” e “dependência”, e do problema de realização interna como contradição central do capitalismo dependente latino americano. Com isso, iremos procurar identificar criticamente as limitações da categoria “superexploração” quando desprovida de uma análise histórica da herança colonial e escravista brasileira.

Em seguida, esta pesquisa irá buscar elucidar essa centralidade da escravidão e do racismo para a compreensão da formação capitalista dependente brasileira e do padrão de exploração da força de trabalho no país. Para isso, partiremos do pensamento mouriano, especialmente contido nas obras “Dialética Radical do Brasil Negro (1986)” e “Rebeliões da Senzala (1959)”, entorno de sua elaboração sobre o racismo como arma ideológica de dominação e a escravidão como definidora da morfologia da nação brasileira. Diante disso, buscaremos investigar as complementaridades entre as obras de Moura e Marini, a fim de contribuir para um entendimento aprofundado da superexploração da força de trabalho e das condições que permitem este padrão de exploração e a continuidade da dependência.

Por fim, esta pesquisa utilizará também dados estatísticos a respeito do mundo do trabalho, realizando seu devido recorte racial. Serão consultados indicadores de salário, emprego, desigualdade racial, entre outros. Textos, artigos e outros documentos que contribuam para esse projeto poderão ser também incluídos na revisão bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A análise da obra de Ruy Mauro Marini revela uma importante limitação em sua categoria de “superexploração”: a ausência de uma investigação aprofundada sobre o legado colonial e escravista brasileiro. Ao construir sua tese partindo do imperialismo clássico e sua relação com o Brasil ao final do século XIX, Marini não capta adequadamente a centralidade do fator racial na composição do exército industrial de reserva ampliado, nem sua utilização como instrumento legitimador para o incremento da exploração e da repressão estatal.

Nesse sentido, a contribuição de Clóvis Moura demonstra-se fundamental para superar essa limitação, evidenciando como as classes dirigentes brasileiras, ao final do processo abolicionista, criaram mecanismos de defesa que preservaram estruturas arcaicas como o latifúndio e impediram o acesso à terra pelo ex-escravizado. Simultaneamente, promoveram sua substituição pela mão de obra do imigrante branco europeu, relegando a população negra à marginalidade e conformando um expressivo contingente de força de trabalho excedente. Em “Para além do ‘capitalismo racial’: por uma teoria unificada do capitalismo e da opressão racial”, Charlie Post contribui para o entendimento da reprodução e manutenção do racismo. O autor esclarece como a burguesia utiliza de critérios raciais para organizar o mercado de trabalho, assim como os trabalhadores, distantes da organização sindical e consciência de classe, podem

se beneficiar desses mesmos critérios raciais na competição por empregos. Sucintamente, há no texto de Post a ideia de que a reprodução do racismo é uma consequência estrutural da dinâmica de acumulação e competição capitalistas. Essa ideia possui grande complementaridade com o projeto de pesquisa à medida que possibilita entender como o racismo se reproduz e fornece continuamente o componente ideológico necessário à reprodução do capitalismo dependente brasileiro.

CONCLUSÕES:

A presente pesquisa demonstrou que a categoria "superexploração", como elaborada por Ruy Mauro Marini, apresenta limitações significativas ao desconsiderar o legado colonial e escravista brasileiro. A incorporação das contribuições de Clóvis Moura permite superar essa fragilidade, evidenciando como o racismo opera enquanto componente ideológico fundamental para a perpetuação e reprodução do capitalismo dependente brasileiro em condições de superexploração.

A análise realizada indica que as obras dos autores apresentam importante complementaridade. A tese da superexploração do trabalho de Marini ganha maior poder explicativo quando articulada à compreensão do racismo como arma ideológica de dominação, conforme elaborado por Moura. Esta articulação permite entender não apenas os mecanismos econômicos da superexploração, mas também as bases ideológicas que possibilitam sua reprodução contínua no capitalismo dependente brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e Revolução**. Rio de Janeiro: Insular, 2017.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência**. São Paulo: Insular, 2020.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Anita Garibaldi, 2021.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Anita Garibaldi, 2021.

POST, Charlie. **Para além do “capitalismo racial”: por uma teoria unificada do capitalismo e da opressão racial**. Traduzido por Gustavo Guimarães. The Brooklyn Rail. LavraPalavra, 08 fev. 2021. Disponível em: lavrpalavra.com. Acesso em: 24 ago. 2024.